

CORPO/ENSINO/APRENDIZAGEM/METÁFORA POR PROCEDIMENTO METAFÓRICO:

UMA COMPOSIÇÃO DIDÁTICO-METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE DANÇA.

Sueli Machado Ramos (UFBA)

RESUMO: Esta pesquisa apresenta-se como uma proposta para o ensino de Dança e Movimento, expondo uma sistematização metodológica de aprendizagem por meio de metáforas. Uma hipótese é a de que o ensino de Dança por meio de metáforas verbais e gestuais pode contribuir para que o conhecimento seja autoconhecimento (SANTOS, 1988). A sistematização proposta busca, por meio de gestos e falas em aulas de Dança, a reconstrução entre conhecimento-como-regulação e conhecimento-como-emancipação (SANTOS, 1996). Segundo Lakoff e Johnson (2002), as metáforas são parte da nossa vida cotidiana, das nossas ações, dos modos como apreendemos e conceitualizamos o mundo. Rengel (2007; RENGEL et al., 2019, 2015) avança a partir dos estudos do linguista cognitivo George Lakoff e do filósofo cognitivo Mark Johnson, afirmando a importância de compreender que o corpo conhece – seja o mundo, os objetos, os outros, a dança – por um processo cognitivo denominado de procedimento metafórico do corpo. Neste estudo, a experiência por meio do procedimento metafórico do corpo, bem como a criação de imagens (BITTENCOURT, 2012), transformam-se em objeto de estudo. A pesquisa realizou uma organização sistematizada (HOLLIDAY, 2006) de modos de dizer e de propor gestos, mediante a utilização de metáforas aqui apresentadas por intermédio de um “Pequeno Glossário Ilustrado de Metáforas” e um plano de curso. Traz como resultados a correlação entre procedimentos técnicos e processos artísticos compositivos, articulando-os entre os conhecimentos teórico práticos e a experiência cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: Dança, Metáforas, Procedimento Metafórico do Corpo, Sistematização.

ABSTRACT: This research presents a proposal for the teaching of Dance and Movement, exposing a methodological systematization of learning through metaphors. One hypothesis is that the teaching of Dance by means of verbal and gestural metaphors can contribute for knowledge to be self-knowledge (SANTOS, 1988). The proposed systematization seeks, through gestures and speeches in dance classes, the reconstruction between knowledge-as-regulation and knowledge-as-emancipation (SANTOS, 1996). According to Lakoff & Johnson (2002), metaphors are part of our daily life, of our actions, of the ways in which we apprehend and conceptualize the world. Rengel (2007; RENGEL et al., 2019, 2015) advances based on the studies of cognitive linguist George Lakoff and cognitive philosopher Mark Johnson, affirming the importance

of understanding that the body knows - be it the world, objects, dance, others - by a cognitive process called the body's metaphorical procedure. In this study the experience through the metaphorical procedure of the body as well as the creation of images (BITTENCOURT, 2012) becomes an object of study. The research carried out a systematized organization (HOLLIDAY, 2006) of ways to say and propose gestures using the metaphors presented here through a "Small Illustrated Metaphor Glossary" and a course plan. It brings as a result the correlation between technical procedures and artistic compositional processes, articulating them between practical/theoretical knowledge and everyday experience.

KEYWORDS: Dance, Metaphors, Metaphorical Procedure of the Body, Systematization.

Metáfora

*Uma lata existe para conter algo.
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível.*

*Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível.*

*Por isso, não se meta a exigir do poeta.
Que determine o conteúdo em sua lata.
Na lata do poeta tudonada cabe.
Pois ao poeta cabe fazer.
Com que na lata venha caber.
O incabível.*

*Deixe a meta do poeta, não discuta.
Deixe a sua meta fora da disputa.
Meta dentro e fora, lata absoluta.
Deixe-a simplesmente metáfora.*

(Gilberto Gil)

Introdução

Os movimentos do corpo estão atrelados ao nosso universo afetivo e cultural, e constroem pontes entre as nossas ações motoras e o nosso mundo imaginário. A utilização de imagens contribui para o entendimento do corpo. Segundo Bittencourt (2002, p. 31), “a imagem não é um recurso utilizado pelo corpo, é corpo”. A autora escreve que as “metáforas ocorrem como um modo de sistematizar a comunicação com o corpo” (2002, p. 77).

As metáforas evocam imagens, a percepção dos sentidos, o pensamento, o raciocínio, entre outras operações cognitivas. A nossa linguagem cotidiana, tanto verbal como não verbal, é recheada de metáforas. Tão impregnada delas estamos, que não nos damos conta de quanto as utilizamos. Elas estão presentes nas nossas atividades cotidianas e envolvidas nas nossas operações cognitivas nas mais diversas funções.

As metáforas nem sempre têm uma imagem que apresente uma significação única. Suas representações podem variar, pois se encontram implicadas na maneira como cada corpo troca com o ambiente... As imagens como metáforas são mais eficientes. Afinal, pessoas são ideias, são imagens: pensamento do corpo. (BITTENCOURT, 2012, p. 78).

Segundo Rengel (2007; RENGEL et al., 2019, 2015), o procedimento metafórico é um processo cognitivo, ou seja, um modo como o corpo conhece e entende o mundo, os objetos, as pessoas e os movimentos. Ele é trânsito constante entre os processos chamados de sensório-motores e as experiências subjetivas, a abstração, o pensamento.

Conforme a autora, o fato de não pensarmos (raciocínio, reflexões, induções) sem sentir (sentidos, movimentos, sentimentos) comprova “mentecorpo” trazidos juntos, que a autora denomina de “corponectividade”. Esta compreensão, da corponectividade, das imagens, do procedimento metafórico do corpo como percepção e comunicação do corpo, do movimento, do seu significado e daquilo que ele representa, pode ser disponibilizado a partir de práticas de ações pedagógicas de organização corporal por meio de metáforas gestuais e verbais.

As metáforas, sejam elas linguísticas, gestuais, rituais, só acontecem por conta do procedimento metafórico do corpo. Por essa razão, ao termo consciência de que o procedimento metafórico não é um ornamento da linguagem verbal, mas sim um aparato cognitivo independente da nossa escolha, não podemos nos eximir – professores de arte, estudantes, artistas – da responsabilidade para com as metáforas que colocamos no mundo. (RENGEL et al., 2015, p. 120).

O uso de metáforas por meio do procedimento metafórico torna possível a contribuição de um modo para compreender os processos de aprendizagem teórico-metodológicos em Dança. Assim, a utilização de metáforas torna-se importante como procedimento para práticas colaborativas e exploradoras de possibilidades do ensino de Dança. O processo com as metáforas pode ser utilizado como facilitador na compreensão e criação de cenas, espetáculos, movimentos, criando possibilidades para construções, efetivando a não separação entre corpo X mente, teoria X prática.

Para Lakoff e Johnson (2006) as metáforas não são apenas figuras de linguagem, mas modos de apreensão e conceptualização do mundo. Um ponto fulcral desta pesquisa profissional, junto à criação de metáforas, emergentes do procedimento metafórico do corpo, é que elas de fato comprovam, como dito, a não separação corpomente. Tal fato é, segundo esta argumentação uma possibilidade de abertura à emancipação, enquanto possibilidade crítica, conhecimento de si.

O professor Boaventura de Sousa Santos (1988) nos ensina sobre a necessidade de uma outra maneira de conhecimento que não separe o objeto da pesquisa do sujeito da pesquisa. Necessário um conhecimento que nos una ao que estudamos. Por isso, de acordo com o professor Santos (1988, p. 66) “todo conhecimento é autoconhecimento”.

As metáforas empregadas em aulas buscam fomentar o conhecimento como emancipação, que transita entre um ponto de ignorância (que o autor chama de “colonialismo”) e um ponto de conhecimento (denominado pelo autor de “solidariedade”).

Metáfora nossa de cada dia

Língua

*Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís
de Camões*

Gosto de ser e de estar.

E quero me dedicar a criar confusões de prosódias

E uma profusão de paródias que encurtem dores [...]

Gosto do Pessoa na pessoa, da rosa no Rosa

E sei que a poesia está para a prosa [...]

Minha pátria é minha língua [...]

O que pode esta língua? [...]

*Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas e o falso
inglês relax dos surfistas [...]*

Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem

Miranda

E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate [...]

*Adoro nomes...Nomes em ã. De coisas como rã e ímã
[...]*

(Caetano Veloso)

Não podemos existir fora das linguagens, porque nelas somos constituídos. Emprega-se nesta pesquisa “linguagens” no plural, pois geramos experiências de linguagens, com a dança, os gestos, as palavras, os sons, entre outras. Elas possibilitam à ciência, às Artes e aos campos de conhecimentos, que também são linguagens, explicações do que concebemos no nosso viver enquanto seres humanos.

Nós, seres humanos, existimos na linguagem, e nossa experiência como seres humanos acontece na linguagem num fluir de

coordenações consensuais de ações que produzimos na linguagem. Os objetos, a consciência, a auto-reflexão, o self, a natureza, a realidade, e assim por diante, tudo o que nós, seres humanos, fazemos e somos acontece na linguagem com distinções ou como explicações na linguagem do nosso estar na linguagem. (MATURANA, 2001, p. 127).

Essas coordenações de ações, segundo o autor Humberto Maturana (2001), acontecem através dos encontros dos sujeitos, e as corporalidades envolvidas são alteradas de acordo com a fluência da(s) linguagem(s).

As chamadas “figuras de linguagem” são recursos da Língua Portuguesa que criam novos significados para as expressões. As principais são: a Metáfora, Símile, Analogia, Metonímia, Perífrase, Sinestesia, Hipérbole, Elipse (ou Zeugma), Silepse, Hipérbato (ou Inversão), Polissíndeto, Antítese, Paradoxo, Gradação (ou Clímax) e Personificação (ou Prosopopeia).

Argumentamos que todas essas “figuras de linguagem” são emergentes do procedimento metafórico do corpo. Do ponto de argumentação da pesquisa, elas são metafóricas porque trazem sentimentos e pensamentos, um em termos do outro. Metafóricas também porque têm caráter de um elemento cognitivo capaz de juntar a informação até então abstrata em pontos mais concretos, tornando o seu uso mais frequente no cotidiano. Lakoff e Johnson afirmam

[...] que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 45).

As metáforas são carregadas de imagens. Segundo Bittencourt (2012, p. 77), “não há metáforas sem imagens [...]. Metáforas são imagens conceituais relacionadas a uma série de experiências. Ganham configurações regulares quando se estabilizam.”. Assim, possibilitam uma melhor compreensão do corpo, na medida em que conseguimos visualizar e/ou perceber as ações, os movimentos.

Para tratar da importância da imagem na comunicação com o corpo e de como ele opera com o mundo por meio das metáforas, Bittencourt (2012) expõe a ideia de imagens enquanto acontecimentos no corpo, apontando que a imagem não é um recurso utilizado pelo corpo, é corpo. De acordo com a autora, as metáforas ocorrem como um modo de sistematização da comunicação do corpo.

Diz a autora que não há metáforas sem imagens. Entretanto, chama atenção o fato de que imagem não é uma cópia de um objeto ou pessoa, ou coisa do mundo. Nem é uma reprodução fotográfica da realidade. As imagens são formadoras de sentidos, são memórias, mapas que criamos, relações com o presente, o passado, o futuro.

As metáforas nem sempre têm uma imagem que apresente uma significação única. Suas representações podem variar, pois se encontram implicadas na maneira como cada corpo troca com o ambiente... As imagens como metáforas são mais eficientes. Afinal, pessoas são ideias, são imagens: pensamento do corpo. (BITTENCOURT, 2012, p. 78).

Quando compartilhamos impressões por meio de metáforas, que intentam ser criativas, promovemos a possibilidade de imaginação e reflexão conjuntamente. Cada tipo de imagem requer uma ação sistemática e específica.

O uso de metáforas que possivelmente possam ser chamadas de adequadas aos corpos na práxis didático-metodológica em Dança, e/ou em práticas artísticas pedagógicas, favorece a compreensão do movimento, do seu significado e daquilo que ele representa ou pode representar para cada pessoa e/ou sujeito. Neste sentido, as imagens implicadas nas metáforas são imprescindíveis para compreensão e sistematização da comunicação.

Em termos cognitivos, a metáfora configura-se como um conceito e pode ajudar a entender o processo evolutivo da comunicação. Ao comunicar algo, há sempre deslocamentos: de dentro para fora, entre diferentes contextos, de um para o outro, da ação para a palavra, da palavra para a ação. (GREINER, 2005, p. 131).

A metáfora, portanto, une a razão e a emoção. Nos faz pensar que assim reunidas - razão e emoção -, os corpos sejam capazes de afetar e de serem afetados.

Nós, seres humanos, operamos e existimos como uma interseção de nossas condições de observadores (em conversações) e seres vivos, e como tais somos seres multidimensionais, verdadeiros nós de uma rede cruzada dinâmica de discursos e emoções que continuamente nos movem de um domínio de ações a outro, [...] (MATURANA, 2001, p.123).

O proceder de metáforas organiza o trânsito entre ação-palavra, razão-emoção, sensório-motor. Desta maneira, compreendendo o procedimento metafórico como um processo cognitivo do corpo e utilizando-o como elemento nuclear para esta organização de saberes, apontamos para a possibilidade de (re)organizar procedimentos metodológicos para o ensino de Dança, que possam atuar como contributos para uma sistematização de experiências e aprendizagem do movimento, por meio do uso de metáforas verbais e gestuais.

Sobre a sistematização e o compartilhar de experiências

Dançar é sentir-se participante do mistério da existência. Não só vivenciar no corpo a sua finitude, mas, através dele, alcançar a liberdade, a sensação de se estar além de si mesmo, o abrir-se para uma multiplicidade de possibilidades (ZIMMERMANN, 2011, p. 67).

É preciso parar, olhar, calar, escutar, sensibilizar, mediar, interagir, refletir, aprender sobre si, sobre o outro e sobre outras coisas. É preciso um olhar atento e sensível para o que acontece e que, de algum modo, afeta a consciência e interfere na experiência. Experienciar é possibilitar que algo aconteça.

As metáforas nos ajudam a descrever nossas experiências. Sobre experiência é importante compreender que os processos sensório-motores, percepção e ação são inseparáveis da experiência da consciência, isto é, a experiência é plena de processos intelectuais, emocionais e sensórios em conjunto. Assim, o corpo é instância cognitiva, ou seja, instância de conhecer o mundo e a si mesmo, que atua entre experiências sociais, motoras e de linguagem.

Experienciar, ressignificar, indagar, constatar, fazem parte de uma pesquisa. [...] Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (BONDÍA, 2002, p. 21).

Importante ressaltar, que a própria sistematização, ainda que uma reflexão sobre a experiência, é também uma experiência, no sentido de que não se trabalha com a dualidade prática X teoria. A compreensão do desenvolvimento da experiência é possibilitada por meio da sistematização. É por meio dela que entendemos a relação entre as diferentes etapas dos processos e quais elementos e momentos foram mais determinantes e significativos para o encaminhamento das experiências.

A sistematização destas experiências com o entendimento do procedimento metafórico surge como contributo de organização da experiência, de reflexão e reconstrução do processo da prática, utilizando identificações de elementos e experimentos.

Oscar Jara Holliday (2006) traz a proposta de que sistematizar experiências é uma ação político-pedagógica e é pautada no diálogo, na busca de uma interpretação crítica dos processos vividos. Quando sistematizamos experiências é possível refletir, teorizar, compreender melhor e desenvolver uma nova qualidade prática de maneira ordenada, o que nos possibilita uma melhor comunicação desta prática.

A sistematização permite, ao refletir, questionar, confrontar a própria prática, superar o ativismo, a repetição rotineira de certos procedimentos, a perda de perspectiva em relação ao sentido de nossa prática. (HOLLIDAY, 2006, p. 31).

A própria experiência por meio do procedimento metafórico do corpo transforma-se em objeto de estudo, em interpretação teórica e em elemento de transformação, visto que o procedimento metafórico é um mecanismo de cognição do corpo. A organização da experiência com o entendimento do procedimento metafórico do corpo surge como um saber a partir da reconstrução do processo da prática. Este entrelaçamento faz

entender, reafirmo, que o corpo e a mente não se separam nos processos cognitivos do corpo.

Dado este entendimento não dualista, a proposta deste estudo é preparar leigos, artistas, dançarinos, estudantes e professores com um vocabulário e um modo de proceder para uma organização corporal que promova a comunicação entre o que foi proposto e o que será desenvolvido, ou seja, possibilitar que os sujeitos apreendam e se apropriem do movimento, com a compreensão das metáforas como emergentes do próprio corpo, por meio do procedimento metafórico.

Nas minhas aulas, sempre busquei e, com referência em Holliday (2006), continuei e continuo a buscar a própria experiência (sempre entendida também como experiência de ideias, de pesquisas, de leituras) como objeto de estudo e interpretação dessas mesmas aulas, do curso como um todo, das metáforas que emprego. Nas aulas de dança recorreremos a diversas metáforas, elas criam vínculos com a experiência, conectam memórias e ancoram a prática.

Esta pesquisa buscou contribuir para o desenvolvimento de um sistema de aprendizagem do movimento, ao propor uma sistematização de um princípio metodológico por meio de metáforas, entendendo-as como plenas de imagens.

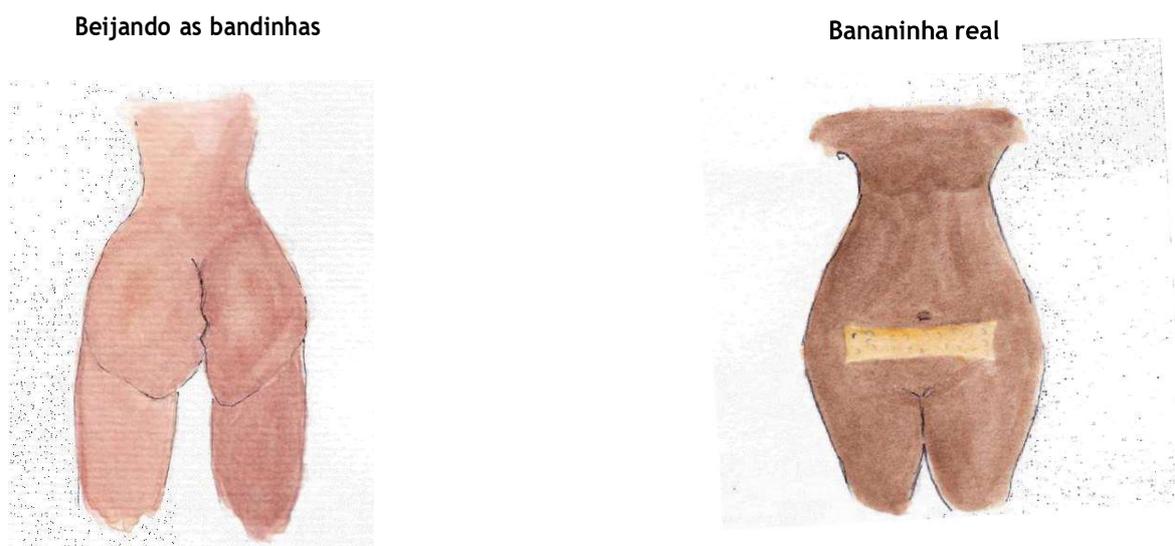
A proposição do estudo é no sentido colaborativo e coparticipativo, para e entre artistas, dançarinos, estudantes, pesquisadores e professores, auxiliando-os com um tipo de vocabulário, um modo de proceder e uma organização corporal que promova a comunicação entre o que foi proposto e o que será desenvolvido.

Outras composições da pesquisa

Junto a este artigo, a pesquisa é composta de um detalhado memorial descritivo, um pequeno glossário e um plano de curso. Abordo aqui sucintamente o que foi realizado como uma elaboração sistematizada (HOLLIDAY, 2006) de modos de dizer, tocar nas pessoas e propor gestos por meio de metáforas que são apresentadas em um léxico, aqui denominado de “Pequeno Glossário Ilustrado de Metáforas para o corpo/ensino/aprendizagem em dança”. Este glossário expõe o modo das práticas por

meio de metáforas verbais e gestuais, lado a lado com ilustrações elaboradas de forma lúdica e bem-humorada.

Figuras 1 e 2 - Imagens do Pequeno Glossário Ilustrado de Metáforas.



Fonte: acervo da autora.

Outra composição da pesquisa é uma síntese do plano do curso ministrado há mais de vinte anos, com um recorte para o período do Curso de Mestrado Profissional (2019-2020), como parte desse organizar e sistematizar das ideias, conceitos, princípios, processos e experiências. Necessário recriar, inovar e compartilhar ideias para sistematizar estas experiências, visando contribuir com outros corpos e almejando outros olhares sobre esta organização, para que possamos juntos motivar o despertar de diversas possibilidades que promovam diferentes saberes.

Tanto o glossário como o plano de curso são entendidos como processos em constante desenvolvimento, que permite ao pesquisador estudar e contribuir com os modos de fazer desta pesquisa, a partir da sua própria experiência, na forma de entendê-las e transmiti-las, podendo ressignificar os conhecimentos e enunciar suas compreensões e contribuições.

Assim, continuarei buscando, reelaborando, intervindo e compartilhando ações com outros modos de ver e de interpretar. A intenção é colaborar com a ampliação, a diversificação, o compartilhar de ideias, o reconhecimento de necessidades e a definição de critérios, para que o desenvolvimento do fazer pedagógico mantenha-se em contínuo processo de planejamento, avaliação e ressignificação do método proposto.

Considerações

A Dança é comunicação do sujeito com o mundo. Ela estabelece conexões do corpo com o mundo, com o espaço, com o outro. Conecta conteúdos, desejos, questionamentos e dúvidas. Nela, as experiências partem da análise conosco e com o outro. Traduzimos no gesto, no verbo, no corpo, uma linguagem metafórica própria. Gestos. Palavras. Imagens. Tudo tem um significado.

Na dança o corpo é o instrumento. Tudo acontece dentro e através dele. Ele expressa o experienciado; ele o forma. Através do corpo ele se torna visível, e através dele pode também ser refinado e feito transparente (ZIMMERMANN, 2011, p. 219).

A cada experiência vivida, os processos cognitivos também terão novos envolvimento em seus fatores sensorial, motor e intelectual, visto que teremos diferentes sujeitos em distintos ambientes. Segundo Lakoff e Johnson (2002), as relações que criamos na dança e no nosso cotidiano surgem do fato de que eles funcionam da maneira como funciona o nosso ambiente físico. Abordar o corpo, a informação dada e o significado em modos de metáforas, no fazer/pensar a dança-ensino-aprendizagem, cria autonomia para administrar ações que contemplem estes corpos/sujeitos de maneira plural.

Essas pessoas e/ou sujeitos podem estudar e/ou transformar o modo de fazer da pesquisa proposta a partir da própria experiência, provocando a imaginação, fazendo valer suas percepções e interpretações na forma de entendê-las e transmiti-las, ressignificando os conhecimentos e o enunciar de suas novas compreensões.

Este estudo pretende contribuir com a área de Artes, por meio desta organização que se apresenta no plano de curso e no glossário, como uma organização de princípios e procedimentos metodológicos que possam incidir no resultado técnico, expressivo, estético e artístico de trabalhos compositivos, e também no processo emancipatório e crítico da pessoa que os experiencia.

Esperamos colaborar com uma discussão, compartilhando a relevância da reflexão e do estudo com relação à utilização de metáforas verbais e gestuais em dança por meio do procedimento metafórico. Com a compreensão de que,

Mesmo onde não haja “metáfora”, há procedimento metafórico, em afirmações que taxamos como literais, objetivas, sem referência ou sem analogia” [...] existe a metáfora enquanto figura de linguagem verbal, em sentido mais específico e existe também um mecanismo cognitivo de comunicação do corpo que é o procedimento metafórico. (RENGEL, 2009, p. 9).

Na perspectiva de cooperar para a construção de uma práxis didático-metodológica em dança, intento constituir práticas artístico-pedagógicas, que, com o uso de metáforas verbais e gestuais, favoreçam a compreensão do movimento, do seu significado e daquilo que ele representa ou pode representar para cada pessoa e/ou sujeito. Neste sentido, as imagens são imprescindíveis para compreensão e sistematização da comunicação do corpo/mundo/espaco/corpo/outro.

O percurso metodológico desenvolvido levou e leva em conta os sujeitos da pesquisa, os gestos, os toques, o silêncio, as palavras ditas verbalmente ou de outras maneiras que não estejam aqui elencadas. Nada passa despercebido, nenhuma informação é descartada. As experiências partem da análise conosco e com o outro. Esta observação estabelece conexões do corpo com o mundo, com o espaço.

Toda palavra, todo gesto, toda fala e, sobretudo, todos os corpos, foram e são observados durante o processo. É a partir deste lugar que meu olhar repousa e busca elementos e princípios para sistematizar estas experiências. O movimento contínuo de observação destes corpos e a abordagem e discussão sobre as realidades existentes foi

relevante para conectar as investigações no e para o contexto sócio-político-cultural da atualidade.

[...] tocar mais de perto e mais fundo este “rio subterrâneo” do processo criador, refletir e buscar elucidações da dinâmica intrínseca à dança como expressão artística, e a função que cumpre neste processo à linguagem imagética do inconsciente. (ZIMMERMANN, 2011, p. 211).

Esta composição de imagens, gestos, palavras, cores, e símbolos trazem luz às experiências vividas pelos sujeitos em suas relações no, com e para o mundo. Podemos assim dizer que a linguagem do corpo é a linguagem da vida.

Referências

BITTENCOURT, Adriana. *Imagens e acontecimentos: dispositivos do corpo, dispositivos da dança*. Salvador: EDUFBA, 2012.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./abr. 2002, p. 20-28.

D'ÁVILA, C.; FERREIRA, L. G. Concepções pedagógicas na educação superior: abordagens de ontem e hoje. In: D'ÁVILA, C.; MADEIRA, A. V. (Orgs.) *Ateliê Didático: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 21-46

GIL, Gilberto. Metáfora. In: GIL, Gilberto. *Um banda um*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1982. 1 CD. Faixa 3.

GREINER, Christine. *O corpo: Pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.

GUGLIELMI, Ana. *A linguagem secreta do corpo: a comunicação não verbal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. São Paulo: MMA, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC, Mercado de Letras, 2002.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MARQUES, Isabel. *Metodologia para o ensino da dança: luxo ou necessidade?* Lições de dança 4. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2003.

RENGEL, L.; KATZ, H. T.; GREINER, C.; DOMENICI, E.; NEVES, N.; BELLINI, R. Ensino/aprendizagem em dança como emergência do procedimento metafórico do corpo. In: KATZ, H.; GREINER, C. (Orgs). *Arte & Cognição: corpomídia, comunicação, política*. São Paulo: Annablume, 2015. p. 152-280.

_____. *Corponectividade: comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação*. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica. *R. cient. /FAP*, Curitiba, v.4, n.1, jan. /jun. 2009, p.1-19.

RIBEIRO, M. Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança: conhecimentos possíveis. In: KATZ, H.; GREINER, C. (Orgs). *Arte & Cognição: corpomídia, comunicação, política*. São Paulo: Annablume, 2015.

SANTOS, Boaventura de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, v. 2, n. 2, maio/ago. 1988, p. 46-71.

SANTOS, Edmilson S. (Org.). *Novos mapas culturais. Novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SANTURBANO, Pablo. *Evolução e movimentação humana: introdução ao raciocínio evolucionário na saúde e no movimento*. São Paulo: Ed. do Autor, 2017.

VELOSO, Caetano. Língua. In: VELOSO, Caetano. *Velô*. Rio de Janeiro: Philips, 1984. 1 CD. Faixa 11.

ZIMMERMANN, E. (Org). *Corpo e Individuação*. 2. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.